**A INVISIBILIDADE DE IMAGENS DA VIOLÊNCIA REAL NA**

**CONSTRUÇÃO NEGATIVA DA IDENTIDADE NEGRA NO FILME:**

**“BONITINHA, MAS ORDINÁRIA”**

JUNIOR, José Francisco dos PASSOS1 PASSOS, Silésia Maria SALES 2

**RESUMO**

A proposta desse trabalho é abordar a questão da identidade negra no cinema na partir de análises voltadas para a desconstrução de estigmas e estereótipos que contribuem para a não valorização da pessoa negra. Esse trabalho também pretende contribuir de forma efetiva para a valorização da população afrodescendente com o seu real valor como parte integrante da história, da cultura e do desenvolvimento do país. A escolha do filme é por ele ter sido lançado em três épocas distintas (1963, 1981 e 2014), mas sempre com a mesma abordagem negativa em se tratando dos personagens negros. Nesse trabalho dos detivemos com a edição da década de 80. A partir de três recortes de cena pretendemos, embasados em autores que trabalham a questão da identidade negra e da antropologia visual, enriquecer a discussão contribuindo, dessa forma, para a valorização das pessoas negras com o resgate do real sentido da identidade negra no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade Negra; Cinema; Antropologia Visual.

Pesquisas recentes mostram que aos negros ainda são atribuídas qualificações sociais e morais que só contribuem para inferioriza-los. Mesmo nos dias atuais a palavra “negro” carrega estigmas, estereótipos, preconceitos, sendo associada a significados negativos, fixados pelos indivíduos desde a infância, levando assim a uma negação da origem africana. Para a nossa análise, utilizaremos três fragmentos do filme: “Bonitinha, mas ordinária” – estupro, porteiro e espancamento – com a participação de atores negros. O filme retrata a cidade do

1José Francisco dos Passos Júnior, Jornalista e estudante da Especialização UNIAFRO: Promoção da Igualdade Racial na Escola (MEC/SECADI), Pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA. E-mail: passosjr@ufersa.edu.br

2Silésia Maria Sales Passos, Assistente Social e estudante da Especialização UNIAFRO: Promoção da Igualdade Racial na Escola (MEC/SECADI), Pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA. E-mail: silesiapassos@bol.com.br

Rio de Janeiro, na década de 80, período da ditadura militar. O roteiro versa sobre o estupro de uma jovem filha de um rico empresário. A produção é uma segunda transposição para o cinema (1981), de uma peça de Nelson Rodrigues. A primeira produção tem data de 1963 e, recentemente, em 2014, saiu uma terceira versão, sempre com a mesma contextualização. Para Silva (2012), se faz necessária a construção de uma identidade positivada em uma sociedade que, historicamente, sempre negou e silenciou esse ser, pois para o negro se integrar e ser aceito socialmente primeiramente é necessário negar a si mesmo. Na opinião de Farias (2003), os negros brasileiros ainda não são participativos, visíveis, pouco representados na mídia. E quando aparecem quase sempre como exóticos ou caricaturados.

Para Stuart Hall (2002)3 a identidade é construída ao longo do tempo, por meio de processos inconscientes, embora haja sempre algo imaginado ou fantasiado, permanecendo incompleto, pois está em processo de formação. Em se tratando de identidade negra, particularmente, é um processo problemático devido à existência de uma carga emocional e simbólica muito negativa em torno da cor da pele, tendo o racismo, como a principal consequência. A mídia veicula mensagens em códigos e valores sociais. Em se tratando dos personagens negros personificam elementos de relações sociais tradicionais baseadas numa visão de mundo hierárquica com o branco prevalecendo sobre o negro. Desta forma, alerta Rezende (1997), os negros são excluídos simbolicamente da modernidade ao não interpretarem um ethos moderno de valorização da individualidade e da igualdade.

No Brasil, em se tratando da construção da identidade negra essa associação, ou melhor, algumas associações foram produzidas e ainda são reproduzidas erroneamente, de forma que permanece no imaginário de grande parte da população. Palavras como preconceito, capoeira, candomblé, carnaval e sexo são automaticamente associadas às pessoas de pele escura. O agravante é que normalmente a ligação é feita de forma negativa. Temos inúmeros exemplos na literatura, no cinema e na tevê, onde os afrodescendentes de pele

3 Stuart Hall notabilizou-se dentro do Grupo de Estudos Culturais, destacando-se por estudar no campo da construção e problematização das identidades.

escura geralmente aparecem como pessoas fracassadas psicologicamente, perigosos, violentos, maníacos sexuais. Desta forma, vão sendo propagadas associações negativas bem vivas no imaginário popular. O escritor jamaicano Stuart Hall (1932-2014), a exemplo de Geetz (1989), afirma que a identidade não é algo imutável, que exista desde sempre, a história constrói e essa identidade se encontra em permanente reconstrução.

Aqui abriremos um espaço para ressaltar a contribuição da antropologia visual não como meio, mas como importante campo de pesquisa nessa área uma vez que as produções audiovisuais, aqui mais especificamente a publicidade, as novelas, os seriados e os filmes, não são simples produções que refletem a sociedade, mas um modo de pensamento sobre a vida social. Massimo (1990), fala de faculdade mimética que é a capacidade humana de copiar, imitar, fazer modelos, explorar a diferença e torna-se o outro. Os filmes que retratam a presença ou a ausência da população negra como personagens (de época ou atuais) são de grande importância antropológica, podendo ser usados para o entendimento dos padrões culturais de nossa própria sociedade, como lembrou Geertz (2004), ao reconhecer que o senso comum se encontra nos provérbios, piadas, anedotas e também nos filmes. Como os mitos, os filmes também projetam imagens estruturadas do comportamento humano, da interação social e da natureza do mundo e refletem a vida social. O autor faz um alerta para a análise fílmica na antropologia não ficar no obvio. “A compreensão cultural é importante tanto na cooperação como no conflito” (MASSIMO, 1990, p.47). Outro ponto importante a ser analisado é o “não visível através do visível” (FERRO, 1992, p.88). Para ele, a imagem objeto não possuem apenas significações cinematográficas. Ferro (1992) orienta para uma análise da obra em sua totalidade com relação do filme com o não filme – autor, produção, público, regime de governo, interesses, enfim, é nesse contexto global de análise que vamos encontrar a real causa do tratamento desigual dado a população negra não só no cinema, como também em toda a mídia. Massimo (1990) enfatiza pesquisa de Shohat e Stan (1995) voltada para analisar como o negro americano foi e é representado em filmes de Hollywood, onde os autores concluíram que a estrutura narrativa e as estratégias predominantes continuam eurocêntricas. Como observa:

No caso dos negros no cinema de Hollywood, os autores destacam os papéis estereotipados oferecidos a eles – como o servil “Tom”, a “mãe preta”, o “buck”, negro brutal e hipersexualizado. Melhor destino não é oferecido aos personagens latinos: o bandido, o pegajoso e a prostituta mestiça são exemplos dos tipos criados por Hollywood, sempre a partir da ideia de que, quanto mais escuro, “pior o personagem”. O racismo revela-se também na produção dos filmes. (MASSIMO, 1990, P.53).

Dentro do pensamento eurocêntrico que nos dias atuais ainda predomina na mídia, os autores citados por Massimo, (1990), alertam para o tratamento oferecido à abordagem das religiões africanas que continua sendo tratadas com cultos supersticiosos e hierarquizadas a partir de uma lógica que privilegia a escrita, o monoteísmo, a ciência, a alma em oposição à oralidade, ao politeísmo, ao meio e ao corpo. Shohat & Stan, (1995) apresentam um pequeno roteiro voltado para a análise de imagens que retratam a população negra nas produções cinematográficas. São questionamentos como: Como são vistos? Aparecem em primeiro plano ou a distância? Por quanto tempo aparecem na tela? São personativos ativos, atraentes? Provocam identificação? A linguagem corporal, postura e expressão facial comunicam hierarquia social, arrogância, servilidade, ressentimento, orgulho? A trilha sonora utilizada afirma valores étnicos? Partindo desses questionamentos, Massimo (1990) defende que as produções cinematográficas oferecem para as ciências humanas e, em especialmente, para a antropologia, “lentes” poderosas no exercício do olhar. A análise se estende também para o que não é visível e que traz consequências sérias ao receptor que não percebe a violência sutil transmitida pela era da visibilidade.

Referências Bibliográficas:

FARIAS, Patrícia. Belezas negras à vista: a presença negra na publicidade brasileira dos anos 70. In: TRAVANCAS, I. e FARIAS, P. (orgs) Antropologia e Comunicação. Rio de Janeiro, Garamond, 2003, p. 209-225.

FERRO, M. O filme: uma contra-análise da sociedade?. IN: LE GOFF, J, NORA, P. (orgs). Histórias: novos objetos. Trad.: Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro. Livros Técnicos e Científicos Ed., 1989.

HALL, Stuart. Diáspora: identidade e mediações culturais. Liv Sovik (org). Tradução de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte. Editora UFMG, Brasília. Representação da Unesco no Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. A identidade cultural da pós-modernidade. São Paulo. DP&A Editora, 2002.

MASSIMO, Canevacci. Antropologia do Cinema. São Paulo: Brasiliense, 1990.

REZENDE, Claudia Barcelos. A empregada na televisão. Cadernos de Antropologia e Imagem 5 (2), p.73-91, 1997.

SILVA, Emanoel Freitas. Educação, identidade e relações étnico-raciais. Mossoró, Edufersa, 2014.

Visionamento: De Oton Lara Resende, Bonitinha, mas ordinária.